

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA- UFSM
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE DANÇA BACHARELADO

Bruna Macedo Borges

TransFORMA Corpo

Santa Maria

2019

BRUNA MACEDO BORGES

TransFORMA Corpo

Trabalho de Conclusão do Curso de Dança Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Dança.

Orientadora: Profa. Dr.^a Heloisa Gravina

Coorientador: Prof. Dr. Flávio Campos

Santa Maria

2019

Dedico este trabalho
aos meus avós Geneci e Lourival, o amor e o samba estão aqui, obrigada;
e a todas as mulheres trans que lutam diariamente para existir.

Por Dandara e Verônica.
Somos resistência e vamos até o fim.

Agradecimentos

À tia Marta, que sempre insistiu para que eu não desistisse de mim e se manteve do meu lado durante toda a vida.

A todos os professores que participaram da minha construção como artista.

Ao curso de Dança Bacharelado e à Rosinha.

Aos meus amigos e colegas de graduação.

Aos meus orientadores Heloisa Gravina, Flávio Campos e Andréa Carotta de Angeli por todo o apoio e amizade que construímos ao longo da graduação.

Ao grupo Integração e Arte/FMC e às professoras Alline Fernandez e Pâmela Fantinel, por realizarem sonhos.

Aos meus pais, Ana Paula e Silvio, que sempre estiveram do meu lado me dando suporte para seguir.

RESUMO

Este trabalho se desenvolve a partir do processo de criação vivenciado nas disciplinas Laboratório de técnica, criação e performance em dança I e II, ao longo da qual a 4ª turma do bacharelado em dança da Universidade Federal de Santa Maria criou o espetáculo MANADA. Cinco alunos que desenvolvem suas pesquisas individuais e uma pesquisa coletiva para a criação do espetáculo, apresentado nos dias 23 e 24 de novembro de 2019 no Centro de Atividades Múltiplas Garibaldi Poggeti, na cidade de Santa Maria, RS.

Este texto é um relato do processo de criação individual que tem como disparador a minha transição de gênero, e que começa a se desenrolar junto aos estudos do Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete), da Anatomia Emocional e de princípios da Técnica Alexander. Ao longo do processo de criação, fui desenvolvendo um solo chamado TransFORMA Corpo, que faz parte do espetáculo de conclusão do curso de dança.

Aqui conto um pouco sobre as vivências que esse corpo carrega, dentro e fora da dança, suas marcas, traumas e medos, e o quanto isso interfere no fazer dançar. Tudo isso faz corpo. Nesse processo de criação, as lembranças se tornam fonte para que o movimento apareça com naturalidade e verdade.

PALAVRAS CHAVE: Método BPI, Anatomia Emocional, Técnica Alexander, Transição de Gênero, MANADA.

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
Estudo? Para quem?.....	9
Qual o valor da vida de pessoas trans?	10
Dançar para ME ENCONTRAR.....	11
CORPO, CORPO MUTÁVEL, CORPO (TRANS)FORMADO	13
Inventariar o Eu.....	14
Colocando a história para dançar	15
E o samba?	19
SE FEZ MANADA.....	21
PALAVRAS, FOTOS, CORPOS	22
JAI performativa	28
Ocupar o espaço.....	30
MANIFESTO DE UMA MULHER TRANS	30
Referências.....	32

Apresentação

Uma caixa que se abre para contar a história de um corpo. Papel é corpo, caixa é corpo, uma possibilidade de formas de existir no mundo.

O processo de criação da obra MANADA aqui ganha voz a partir do relato de processo que nomeei como TransFORMA Corpo.

Ao longo do ano, na disciplina Laboratório de técnica, criação e performance em dança I e II, fui desenvolvendo meu processo tendo como tema minha transição de gênero e como isso influencia no meu fazer/dançar.

Com o auxílio do Método BPI, da Técnica Alexander e da Anatomia Emocional, começo a refletir sobre maneiras de me colocar no mundo enquanto mulher transexual, bailarina, artista.

O método BPI me dá ferramentas para colocar minha história como referência para a criação em dança e me auxilia com os três eixos – Inventário no corpo, Co-habitar com a fonte e Estruturação da personagem – e suas cinco ferramentas. A técnica Alexander faz com que eu pense nas melhores formas de usar o corpo, tentando fazer menos esforço desnecessário, refazendo coisas com consciência. A Anatomia Emocional vem para me mostrar as formas e que há uma maneira de se habitar o corpo sem que se machuque com as intensidades dos trabalhos com o corpo. Nessas palavras me perco dentro do corpo e vou de encontro a uma identidade que é e sempre vai estar em construção.

A obra MANADA foi criada a partir do encontro de cinco sujeitos que compõem a 4ª turma do bacharelado em dança da Universidade Federal de Santa Maria e, como processos tão individuais vão ganhando forma e habitando um coletivo, ser MANADA não é ser individual, é estar junto.

Comecei minha história com a dança sambando. Minha família paterna tem um bloco de carnaval chamado Academia de Arte e Cultura Santa Cruz, que é motivo de orgulho da família. Foi lá que, aos meus 5 anos de idade, comecei a sambar juntamente com as rainhas em frente à bateria. Me sentia realizada, eu estava sambando e não precisava falar nada, a maneira como eu sambava já dizia tudo que precisava ser dito. Mas em volta o que eu ouvia eram falas que agrediram o meu corpo, quando começaram a cortar minhas asas, eram falas maldosas por um “menino” estar sambando na frente da bateria.

Agora escrevendo um pouco da minha história sinto uma dor por ter escondido minha verdadeira identidade por ouvir muito o que os outros falavam. Começo aqui inventariando o eu, cavoucando o passado, redescobrimo a história do meu corpo e revivendo memórias. Para isso conto com o auxílio do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete, que foi criado por Graziela Rodrigues. O método possui três eixos: Inventário no corpo, Co habitar com a fonte e Estruturação da personagem.

Neste trabalho mergulho no primeiro eixo, que é o Inventário no corpo. Meu inventário não é só sobre as coisas que eu quero compartilhar mas também sobre coisas que vão ficar em minha pele, minha memória, guardadas apenas para mim.

Quando era pequena, a minha brincadeira favorita era dançar. Eu, minha prima e nossa melhor amiga nos reuníamos em frente à casa da Vó Geneci, que é mãe do meu pai e foi a vó com quem eu morei durante a infância e adolescência, e ficávamos dançando coreografias que eram criadas ali, grande parte por mim.

A dança sempre me acompanhou e, passados alguns anos, em 2005, entro para a Cia de Dança Valéria Lacerda, que levava o nome da coordenadora da companhia. Foi a primeira escola de dança da qual participei. O grupo em que eu dançava ali se chamava Mix Dance, e era um grupo formado apenas por meninas, e eu, um corpo clandestino, um corpo intruso. Por fora a aparência de um menino, por dentro uma menina querendo apenas existir, dançar e ser feliz, ser livre.

É muito triste escrever isso e perceber o quanto a sociedade é má para uma criança transgênero, colocam a culpa nos pais, na família, mas acabam esquecendo que existe um ser ali, que ouve, que pensa e que é afetado por tudo aquilo que constitui o viver em sociedade. Hoje escrevendo este trabalho sinto orgulho de poder ter chegado até aqui e de dar voz ao que foi silenciado por muito tempo. A sociedade não está preparada para receber o diferente, mas nós vamos ensinar lutando dia após dia para sobreviver e reinventar essas formas prontas de existir no mundo.

Alguns anos depois a professora do grupo decidiu que queria continuar apenas com meninas no Mix Dance, e me colocou em outra modalidade, a dança de salão. No início eu não gostei porque ia ser obrigada a fazer um papel que não era o meu na relação com a dança, mas na medida em que fui convivendo mais com o grupo fui gostando porque eu estava dançando e isso era o que eu precisava. Dançar aquela dança dizia muito sobre algo que não condizia com o que se passava por dentro deste corpo, mas dançar diz muito sobre ser Bruna no mundo. Me faltam as palavras, eu danço. O corpo diz tudo.

Gincanas escolares também fizeram parte da minha formação artística, tanto como coreógrafa quanto como bailarina. Durante três anos fiquei responsável pelas coreografias dos reis e rainhas de uma equipe com a qual sempre conseguimos o primeiro lugar.

Em 2014 decido prestar vestibular para cursar dança bacharelado na Universidade Federal de Santa Maria, e no ano seguinte entro para o curso.

Estudo? Para quem?

Ser uma mulher trans é revolucionar.

E estudar, então, é ir contra o sistema.

Até então, no ensino fundamental, quando eu não tinha transicionado de gênero, ouvia diariamente piadinhas dos homens que me cercavam, era ofensa atrás de ofensa. Eu não gostava de ir para a aula, sempre inventava alguma dor ou mal-estar. Às vezes durante a própria aula a dor de ouvir essas frases era tanta que acabava me dando náuseas e ânsia de vômito, chegando um dia a vomitar em sala de aula. Ao ingressar no ensino médio, a mesma coisa: no primeiro dia de aula, eu chegando e um grupinho de meninos debochando e me olhando com um olhar torto. Na época não sabia como me proteger, meu corpo foi assumindo formas nas quais eu ia descarregando essas tensões das quais eu nem tinha consciência. O reconhecimento dessas formas fui desenvolvendo durante minha formação no curso de dança, com o auxílio do método BPI, da técnica Alexander e da Anatomia Emocional. O método BPI me ajudou a olhar com sensibilidade para a história desse corpo, suas sensações e sentimentos das mais variadas formas. A técnica Alexander foi me ajudando a organizar meu corpo e fazer melhor uso dele, ir sempre atualizando as perguntas: Como estou? O que faço? Como faço? Já a Anatomia Emocional me possibilitou descobrir as formas que meu corpo habitava para se proteger e trancar força de vida, de existência, dentro do corpo e que agora com essa consciência consigo desmanchar e ressignificar a forma, transformando-a em arte, dança.

Naquele mesmo ano, do início do ensino médio, começo a faltar aula. Eu saía de casa para ir à aula, esperava meu pai sair para trabalhar e voltava. Eu não gostava de ir para a escola, eu não queria ouvir as mesmas ofensas do dia anterior. É lógico que não tinha só o lado ruim, na escola eu fiz muitas amizades que me davam forças para continuar. Não consegui acabar o ensino médio normal: fui até o segundo ano e desisti. Era muita pressão, eu fugia da família e do mundo, das pessoas ao meu redor. O lugar mais seguro para mim era deitada em uma cama dentro de um quarto, o meu quarto com teto verde que assistiu a todos os meus sonhos que hoje se tornaram realidade e estão ganhando vida.

Trocava o dia pela noite, não sentia vontade de existir, de viver. Foi na comida que fui achando um lugar de calma, a comida entrava e ia aliviando a ansiedade, a raiva, o medo. Eu não mastigava direito, engolia e engolia como se quisesse tapar algum buraco, uma ferida.

Quando faço a prova para entrar no curso de dança minha vida começa a mudar totalmente. Poucos dias antes da prova, minha avó Geneci veio a falecer, lembro como se fosse hoje ela indo para

o hospital, me mandando beijos do carro como se fosse voltar no outro dia. O sorriso dela sempre estava ali, sempre me inspirou a força que ela tinha para existir apesar das dores. Ela me ensinou muito sobre o que era ser mulher e sobre acreditar nos seus sonhos. Era outubro e eu não tinha acabado o ensino médio ainda, eu tinha apenas o primeiro ano e o segundo. Me inscrevi na prova de habilidades específicas. Chegando para a prova, começo a ver algumas pessoas ao meu redor. A primeira com quem tenho contato é a Maria Clara, que naquele momento era uma desconhecida mas que ao longo desses cinco anos foi se tornando uma das minhas melhores amigas, uma irmã de coração que me ajudou muito durante meu processo de transição e com quem eu amo dividir o processo deste trabalho. Maria, juntamente com Naylana, Lucca e Juliano, formam a 4ª turma do bacharelado em dança da Universidade Federal de Santa Maria. Eu e Maria começamos a conversar e em questão de segundos já estávamos super integradas, como se nos conhecêssemos há algum tempo. Fiz a prova e passei, passei no vestibular também, eu estava dentro, mas ainda estava fora porque não tinha concluído o ensino médio.

Acho importante compartilhar a história pois mesmo tendo o apoio da minha família, passei por situações de preconceito que me fizeram desistir de algo que era meu. Muitas pessoas trans desistem de estudar pelo discurso de ódio que escutam todos os dias. Elas desistem, se escondem, se matam ou são mortas. Durante meu processo de transição aprendi com duas youtubers, Mandy Candy e Thiessita, sobre a importância de dar voz à causa trans. A grande maioria das pessoas não tem informação sobre o assunto e acaba reproduzindo as mesmas falas de sempre, porque não pensa. Sempre me identifiquei muito com elas pelo jeito delas falarem sobre a vida brincando, porque é assim que a gente ganha força para sorrir quando quer chorar.

De acordo com um levantamento da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), feito em conjunto com o Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE) o Brasil foi o país que mais matou a população trans em 2018. Foram 163 vidas, 163 corpos que foram resistência até o último suspiro.

Qual o valor da vida de pessoas trans?

Saindo o resultado do vestibular, a correria para acabar o terceiro ano começou, achei uma escola em Porto Alegre e consegui acabar o terceiro ano em um mês através de provas do ENCCEJA - Exame Nacional para Certificação de Competência de Jovens e Adultos.

Na semana em que eu faria as últimas provas, era a semana da matrícula na UFSM. Mande todos os documentos necessários menos o certificado de conclusão do ensino médio, pois ainda restava uma prova. Minha vaga foi indeferida, consegui acabar o ensino médio, mas tinha perdido a vaga. Chegamos, eu e minha tia, em São Gabriel e fomos atrás de um advogado para reverter a

situação. Para a minha alegria conseguimos reverter e entrei para o curso de dança bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria.

Dançar para ME ENCONTRAR

No primeiro ano de faculdade, em 2015, uma luta interna começava a ganhar mais força: o corpo deu espaço para se reconhecer e externalizar sua verdadeira identidade. Meu processo de transição de gênero, que até então estava interno, começa a ganhar forma, corpo e aparência. Olhar e não me reconhecer, ter problemas com o corpo, no início era um sacrifício fazer aulas de Consciência Corporal e ter o outro tocando em meu corpo, um corpo que eu não aceitava.

Depressão, ficar encerrada em casa, no quarto, não conseguir sair para comer ou mesmo ir ao banheiro foram algumas das barreiras que enfrentei durante esse ano.

Estar na parada do ônibus e ouvir comentários do tipo: olha fulano, aquilo ali é homem ou mulher?

Ouvir isso me despertava as piores sensações, e me abalou tão profundamente que no primeiro semestre não consegui dar conta de algumas disciplinas, acabei o primeiro semestre do curso com duas disciplinas concluídas. Não queria sair de casa para nada.

Férias em São Gabriel, momento de estar com a família e eu continuava apenas encerrada no quarto. Em Santa Maria minha transição já tinha começado, em São Gabriel eu precisava viver um personagem. Foi então que um dia saindo para uma festa meu pai me viu maquiada, uma maquiagem leve, mas que dizia muito sobre o que estava acontecendo. Ele então me perguntou o que estava acontecendo, e eu falei, em uma voz que travava ao sair: eu sou uma menina trans.

Ele me olhou com a reação de alguém que queria entender tudo que estava acontecendo, um pouco perdido, mas no fundo já sabia o que era, e disse: amanhã a gente conversa. Tudo estava ali. Essa conversa que ele anunciava para o outro dia nunca chegou.

O que teve foi muita compreensão e carinho ao longo da minha transição de gênero. Uma das pessoas que mais me apoiou foi meu pai, além da tia Marta, que sempre me inspirou e me deu forças para seguir adiante. Tia Marta é como se fosse uma mãe para mim, ajudou a me criar e sempre me apoiou e me fez acreditar que era possível ser quem se é acreditando na vida. Assim me dando todo o suporte necessário e segurando minha mão, caminhando e dizendo: não desiste de ti Bruna.

No ano seguinte, já tinha transicionado de gênero, e entrei para o grupo de dança Integração e Arte, um grupo que me acolheu e se tornou uma família aqui em Santa Maria. Era a realização de um sonho, fazer parte de um grupo que eu sempre admirei e assistia nos festivais de dança pelo estado, agora podia chamar de “meu grupo”, “minha casa”, e estar dançando com pessoas que eu admiro.

Estar fazendo aula com professores qualificados e com grande experiência era o que me motivava. Logo no primeiro ano eu já participei da coreografia Arrebanhados, que ia concorrer em um festival de dança em Santo Ângelo. Nessa mesma época, conheci minha primeira professora de dança contemporânea, a Pâmela Ferreira, que era quem ensaiava com o grupo. Eu aprendia muito com ela. Chegar pela primeira vez em um festival sendo quem eu era de verdade é algo que não tem preço, eu me sentia muito feliz. Coisas mínimas como a inscrição para o festival que saía no meu nome.

Durante o ano de 2016 usei o nome social, apesar de parecer como algo positivo, eu vejo o nome social muito como algo que desrespeita a identidade de gênero de pessoas trans, a sociedade não está preparada para receber pessoas trans. Sempre que usei a carteira de identidade social as pessoas ficavam questionando a legitimidade do documento ou até mesmo não aceitando e perguntando qual era o nome verdadeiro. Nesse mesmo ano, a UFSM lança uma política para inclusão do nome social, que vinha apenas no documento, no sistema: o nome civil continuava e na própria carteira havia a existência de dois nomes.

Os figurinos, a maquiagem. Viver esse momento com esse grupo me fez feliz. Me senti viva, com vontade de querer viver mais. Isso me motivou a continuar dançando e buscando aprender mais sempre.

CORPO, CORPO MUTÁVEL, CORPO (TRANS)FORMADO

Corpo, corpo mutável, corpo caixa, esta caixa que se abre para dar espaço para a história ser contada, suas verdades e suas mentiras, suas dores, sua dança.



Apresentação na JAI performativa, outubro/2019, centro de convenções UFSM. Foto: Joan Felipe Michel.

Simbolicamente essa caixa se abre agora, mas por dentro já existia uma bagunça desenfreada, que começa a se organizar a partir desse trabalho.

Corpo que carrega dores e usa a dança para dar fluxo à vida, dar passagem ao que é vivo e constantemente mutável.

Um corpo clandestino que teve que se encaixar em um padrão socialmente construído e que se viu perdido por não se encaixar nem cá e nem lá, é um corpo trans.

Rótulos, para que tantos?

Fico pensando o quanto nossa geração sente uma necessidade de classificar o corpo reduzindo-o apenas a aspectos que contam, quem sabe, um terço de uma história.

Sinto necessidade de contar a história da minha vida para dar vazão aos conteúdos do meu fazer/dançar.

Durante a minha infância eu vivi em mundos totalmente opostos. Era um contraste grande entre famílias: de um lado, a materna, trazendo em seu histórico a Igreja Adventista do Sétimo Dia, hinos religiosos e uma educação super conservadora e, do outro lado, a família paterna, que traz como seu principal motivo de orgulho o bloco Academia de Arte e Cultura Santa Cruz, e o carnaval como força potente de transformação.

Entender esse contexto social é muito importante para entender o conflito que existe dentro deste corpo.

Por muito tempo em minha vida resolvi anular o passado, deixar para trás como se fosse uma ferida curada. Não era. No momento inicial dessa escrita de TCC, em que abro meu diário e retomo minhas memórias, me pego pensando no quanto de história esse corpo carrega e no quanto o sistema fez apagar e desacreditar da potência que é se viver fora dos padrões.

Inventariar o Eu

Pensar, observar. Escutar meu corpo é algo que vem me acontecendo com mais frequência desde que o primeiro semestre de 2019 passou. Passada a euforia da pré-banca do trabalho de conclusão de curso, o temido TCC, diversas questões acabaram de ser solucionadas em minha cabeça e muitas outras novas acabaram aparecendo.

Durante o primeiro semestre, meu ponto de partida para este trabalho era a minha transição de gênero e como fui lidando com ela ao longo da vida. Por muito tempo quis fugir deste assunto, tanto é que quando fui perguntada pela primeira vez sobre o tema do meu TCC, algo recorrente em minha fala era que queria falar sobre a vida cotidiana do provável formando em dança. Naquele momento, eu não percebia, mas essa era a maneira que eu achava para fugir de algo que já estava ali. Quando digo que já estava ali é porque eu sabia que precisava falar sobre isso, mas o medo da rejeição da sociedade era maior, o medo de sofrer preconceito, de levantar uma bandeira, era o que me paralisava naquele momento.

Meu solo surge e ganha o corpo no primeiro semestre de 2019, quando resolvo falar da transição de gênero como potência para a criação em dança. Ao assumir que ia falar de meu processo de transição de gênero, aos poucos foram aparecendo os conflitos: entre famílias, carnaval e igreja, sambas e hinos, masculino e feminino. Os elementos que uso durante a apresentação surgiram em alguns laboratórios dirigidos pelo professor Flávio Campos, que foi meu orientador na pesquisa de Iniciação Científica e coordena o projeto do qual faço parte, investigando o método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI).

Meu trabalho desenvolve-se a partir da imersão no eixo Inventário no corpo, através da prática dos *laboratórios dirigidos*.

Diário de processo, 18/03/2019:

Não sei o que escrever, travei. Hahaha
Volta Bruna, fica séria.
Mentaliza na aula e não pensa no que tu tem que fazer depois.
[...]
Eu não sei sobre o que escrever o TCC.
Na hora que a prof pediu uma palavra a primeira que surgiu foi “transformar”.
Palavra essa que é muito forte pra mim.

Observando meu diário percebo o quanto o assunto estava presente e o quanto eu evitava falar para tentar me encaixar em um padrão de sociedade e fugir da realidade.

Nesse processo, que começava falando sobre a minha transição de gênero, o carnaval ia ganhando força como via poética para falar de algo que no início era difícil aceitar, mas que ao longo do trabalho foi se tornando mais leve. Escolher o carnaval como via poética para falar sobre a transição de gênero foi algo que aconteceu durante o processo, porque simultaneamente ao processo de criação do trabalho de conclusão de curso eu continuava a manter os laboratórios dirigidos do método BPI. No método, usamos o *Dojo*, que é a extensão do corpo que faz com que este se torne um espaço íntimo e cheio de sentidos. A técnica do “fluxo dos sentidos” dá vazão aos conteúdos que se manifestam nesse espaço, trazendo conexões entre imagens, sensações, sentimentos e movimentos, e uma possível síntese. Meu *Dojo* começa a se materializar dando ferramentas para trabalho a partir da entrada, no espaço, dos elementos que apareciam em meu imaginário. Surgem então papéis picados, serpentinas, tesoura, plumas, um colã, fantasias e um instrumento musical chamado rocar.

A magia do carnaval traz a leveza que eu preciso para contar um pouco das dores que esse corpo carregava e que, a partir desse processo, começa a ressignificar. O Carnaval como força política de se lutar pelo que acredita, o carnaval que para mim tem história na família, me dá segurança e faz com que eu não me sinta sozinha e desprotegida para lutar e resistir a essa sociedade que quer impor uma heteronormatividade.

Colocando a história para dançar

Talvez a questão do meu trabalho nem seja apenas a minha transição de gênero, e talvez isso tenha sido apenas o ponto de partida. Hoje, ao escrever sobre o processo, percebo o quanto a apresentação para a pré-banca do trabalho de conclusão de curso foi importante para liberar esse corpo que era tomado por amarraduras. Ter um espaço que eu conseguia chamar de meu, um lugar acolhedor e muito familiar. Nesse espaço, era como se eu estivesse em uma torcida organizada e ao

mesmo tempo nas passarelas: existia uma transição entre espaços, e em outro momento já vinha a imagem da poeira levantando na quadra do bloco, me imaginava na passarela sambando em um misto de tristeza e alegria.



Imagens da pré-banca de TCC, 27/06/19, prédio 40C, UFSM. Foto: Joan Felipe Michel

Escrevo e percebo o quanto foi significativo o carnaval em meu processo de criação desta obra, desde o papel picado, que, durante a semana que antecedia os concursos, virávamos madrugadas cortando, eu, minhas tias, minhas primas e minha avó. Durante meu processo de criação cortar papéis é uma tarefa que tenho feito. Me pergunto: como corto? o quê eu corto? No início talvez fosse o meu

corpo. Hoje eu corto padrões, formas prontas, falas machistas, falas transfóbicas... A ação varia de acordo com a presença do momento. Aliás, foi um longo ano cortando papéis.

O último elemento que surge em meu processo é a caixa. Eu, que por muito tempo sempre busquei o belo para a cena, estava em um processo com uma caixa que em suas paredes possuía letras espalhadas, muita informação. Mas é a caixa de São Gabriel, do quarto de fantasias, então diz muito sobre o processo: essa caixa tem memória. Quando eu era criança, o mais perto que eu chegava das fantasias era no quarto onde eu brincava, que é onde ficam guardados os instrumentos e fantasias do bloco. Lá, meu imaginário ganhava vida. Lá, aconteciam os meus concursos de beleza, de dança e de carnaval. Era naquele lugar que eu realizava o sonho de sambar em uma passarela. Por mais que ela não existisse, na minha cabeça ela estava ali. Eu pegava as fantasias e ficava experimentando, torcendo para ninguém entrar, ver e me xingar. Mas esse quarto era mágico, ali eu fazia tudo, tudo podia, ali não existia o não. A partir dessas imagens, o significado da caixa deixa de ser só visual e se torna algo que desperta sensações das mais diversas, presentifica um tanto de significados, como o carnaval, a família, a casa.

Diário de processo, 17/09/2019:

Encontrar, encontrar a caixa de fantasias.
Encontrar o eu, e encontrar meu corpo, meu lugar.
A caixa se abre e meu corpo se abre junto, me mostro como sou sem esconder nenhum pedacinho.
Olá mundo essa sou eu!!!
Plumas, serpentinas e papéis, isso sou eu.
Meu corpo tem fluxo como o cair dos papéis mas algo me paralisa, me mobiliza.
É uma luta interna do som e do silêncio, dos hinos religiosos e dos sambas de carnavais, do sagrado e do profano, da mãe e do pai, do feminino e do masculino.
Ganhar o espaço, ser o espaço.
Contar uma história pra mim e contar uma história para o outro.
Qual é a verdadeira história?
Qual o som que esse espaço tem?
Grito, é um pedido de socorro? Ou será a libertação de algo que nunca consegui colocar para fora?
Meu espaço é meu corpo e faz parte de mim.
Um pé que me olha e conta uma história de vida.
Estou sozinha na sala?
Um cabelo que tapa o rosto e um emaranhado de serpentinas, o que isso diz sobre a vida?
Asas? Cabeça? Plumas?
É carnaval mas a Igreja está aqui.
Mover e fazer tudo se misturar, MISTURAR.

A escrita desse diário foi algo que mexeu muito com os conteúdos que o processo de criação tinha deixado passar nesse dia. A presença de hinos religiosos ecoava no meu pensamento, a igreja que por influência materna me educou ainda está presente em formas de sentir que estão se desfazendo e se reinventando através do fluxo do movimento.

Um turbilhão de sensações ganha o meu corpo e, assim, o espaço. Hoje consigo ver a Bruna atravessando o processo, como diria a Helô. A Bruna que atravessa a avenida sem medo do que vão falar, e sem medo de ser quem realmente é.

Um corpo que se calou, resolve falar e usa da sua dança para contar de sua luta interna e de como sobreviveu em um mundo que por muito tempo lhe negou sua verdadeira identidade. Quando trago o papel como escrita me faltam palavras para descrever o sentido que ele tem, picado, em meu processo. Durante um dos laboratórios dirigidos, a frase que sai é: “o papel está aqui para me proteger, e me esconder”. Ao escrever isso me ressurgiu mais um trecho do meu diário de processo:

Cortar o papel, cortar o corpo, tesoura, CORTAR.
RAIVA.
GRITO.
Um não ecoa em minha voz, por fora ódio, por dentro calma.
Lutar contra o interior.
Caixa aberta.
Tesoura que pica papéis, que pica o corpo.
Rosa, azul.
Desespero, angústia.
DESESPERO.

Durante um encontro individual com a orientadora para o processo de criação, sou estimulada a montar meu espaço e deixar o movimento ir saindo do corpo como passagem para a construção desse espaço. Sou instigada a deixar o som da voz sair. Algo por dentro já se paralisa, no meio da sala está a caixa e por volta dela um monte de papéis picados, por dentro algumas partes de uma fantasia e um rocar. O espaço estava montado e o corpo, ao passo que se movimentava, ia alternando entre um fluxo contínuo e momentos de paralisia. Ia sendo orientada a deixar o som sair, mas algo trancava a voz na hora de sair. Essa consciência é acessada a partir dos estudos em Anatomia Emocional que venho desenvolvendo com a terapeuta ocupacional Andréa do Amparo, tendo como referência Stanley Keleman. Durante nosso processo de criação para essa obra, fomos acompanhados pelo olhar sensível e cuidadoso da professora Andréa que, ao longo do nosso processo, foi cartografando e desenvolvendo um trabalho de reconhecimento de si e do outro. Reconhecer o que há de vida no interior, uma forma por fora, outra por dentro.

O tempo foi passando e, no fluxo do movimento, fui ganhando o espaço da sala e fazendo com que meu corpo se misturasse aos papéis e fantasias. Dançar até a exaustão. A indicação era: não estancar o movimento, deixar fluir até virar um outro movimento. Algo me paralisa. É um pé que surge e me encara trazendo muitas memórias. Durante o início da transição de gênero, o pé era algo que me incomodava muito por ser grande. Eu vivia querendo esconder ele e por muitas vezes usava

sapatos apertados para moldar um corpo e tentar ser padrão. Ali, naquele momento, o pé pedia passagem para dizer algo, contar a história que por muito tempo se escondeu em um sapato que o apertava. Ao mesmo tempo que o pé me encarava e dizia muito sobre a história, meus olhos me despertavam um olhar de agradecimento, vendo o pé como base do corpo, o que me segurou muitas vezes e me fez seguir em frente e não desistir.

O movimento que vem logo depois é um giro, giro que dá forma, no espaço, a algo que acontece internamente. Giro com uma fita de serpentina dourada e rosa. A imagem que essa cena produz para meu corpo me faz ter vontade de girar mais ainda. Fico por um tempo girando e esse giro vai ganhando mais força até estancar com o corpo caindo no chão. Ao transicionar do movimento contínuo para o cair no chão o corpo continua vivo, pulsando, aquele corpo no chão me lembra Dandara, mulher travesti assassinada brutalmente. Essa dança é por ela também, e por todas as outras que não foram ouvidas. Meu corpo pulsa, se faz vivo, volta para continuar lutando, esse trabalho nunca vai ser sobre mim, mas sempre será sobre nós. Desse corpo estanque no chão, o fluxo do movimento vai dando pulsão de vida para dançar, ressignificar a dor. Ao passo que eu ia me movendo pelo chão, ia espalhando meus elementos sobre a sala, e em questão de segundos a sala estava tomada de papel picado e fantasias espalhadas pelo chão.

Após esse momento me veio a sensação de que consegui colocar para dançar essa história. Num momento seguinte, recebi a indicação de contar, em movimento, a história que o espaço tinha me contado, e foi totalmente diferente pois pré-estabeleci alguns movimentos para contar a história, vi o que tinha funcionado em cena e tentei jogar com os elementos. Senti que ali existia um material bom para o processo e que poderia continuar investigando aquela movimentação, foram sensações que me levavam a experimentar a presença que eu queria executar em cena. A partir daí comecei a estruturar minha sequência de movimentos para apresentar no espetáculo MANADA.

E o samba?

Em 2016, começo a estudar o método Bailarino-Pesquisador-Intérprete, sob orientação do professor Flávio Campos, nas disciplinas de Danças do Brasil. O método BPI trabalha a partir da história de cada bailarino para investigar a imagem corporal e sua singularidade. Além dos três eixos já mencionados – Inventário no Corpo, Co-habitar com a Fonte e Estruturação da Personagem – o método possui Cinco ferramentas que auxiliam na formação do artista: a Técnica de Dança do BPI através da estruturação física e anatomia simbólica; a técnica dos sentidos que busca formular uma síntese por meio de imagens, sensações, sentimentos, emoções e movimentos; os laboratórios dirigidos; as pesquisas de campo, e os registros da pesquisa.

Como disse, no meu trabalho de conclusão de curso, estou trabalhando com o eixo Inventário no Corpo. Durante um laboratório dirigido, com um giz risquei meu espaço, meu Dojo, e fui entrando e colocando meus elementos como achava que devia ser. Eu estava muito bem aquecida pois antes do professor chegar tinha feito um aquecimento com dois sambas enredo das escolas de samba do Rio de Janeiro. Um dos sambas era o da Mangueira de 2019: História para ninar gente grande.

Acabo de montar o meu espaço e sou dirigida a começar o processo daquele dia. Um vazio aparece em minha mente, nenhuma imagem consegue se formar. Ao passo que vou ganhando indicações para ir sentindo, através dos pés, qual é o chão que eu toco, qual a sensação das minhas mãos e como o espaço vai surgindo, imagens começam a se formar: um ginásio que aparece, muitas pessoas em volta, uma passarela, papéis picados pelo chão e uma menina com mais ou menos 10 anos, do lado dessa menina uma moça, eu reconhecia aquela moça, era minha tia Marta, a quem considero como uma mãe. Existia a sensação de um nervosismo e algo que não me deixava sambar. Algo estagnava e eu não conseguia me mexer, e eu era orientada a deixar o movimento fluir. Sou perguntada pelo professor Flávio Campos: Que lugar é esse? O que você quer fazer aí?

Eu não sabia responder, só sabia que precisava sambar. O samba saiu, mas saiu encabulado. Eu percebia que tinha algo errado, mas não sabia o que era. Imagens começavam a piscar em minha mente, não era claro, mas eu tinha uma noção do espaço que estava se formando. A voz do Flávio aparece mais uma vez afirmando: não é esse o lugar. Pronto, a partir daí veio uma vontade de desistir do processo e sair da sala, mas algo foi se formando muito rápido, a sensação era como se eu estivesse deitada sobre um tapete e, ao passo que fui sentindo esse tapete tocar minha pele, foi se construindo uma imagem com um roupeiro azul com corações rosas e outro bege com marrom. Esses roupeiros ficavam um em minha frente e outro no lado, atrás eu percebia uma cama. No chão, fitas cassetes montavam um palco, e com as tampinhas em cima eu montava o elenco da cena. Em cima dos roupeiros, caixas tocavam o teto, um teto verde de madeira. Reconheço o lugar: é o quarto de fantasias, local de singularidade e imaginação onde passei a minha infância vivendo e inventando histórias.

Até aí o que eu via eram imagens, e é quando abro os olhos que o primeiro elemento concreto que enxergo em meu espaço é a cabeça de uma fantasia, desmontada, com as plumas em volta. Dou uma olhada pelo espaço, e ali estava a caixa. Essa caixa fala muito sobre as lembranças, pois essa caixa e a fantasia que uso em meu processo saíram do quarto de fantasias, aquele das memórias que acabo de contar, e que é um espaço muito significativo para o meu fazer/dançar. Durante o laboratório sou perguntada mais uma vez: Que lugar é esse? Respondo com um misto de choro, dor e alegria, que era o quarto das fantasias. É muito estranho recordar pois lembro que ao mesmo tempo em que existia uma vontade enorme de chorar algo trancava o choro. Após encerrar esse laboratório fui

direcionada a escrever o diário do dia. Hoje, lendo o meu diário, percebo o quanto algumas imagens não estavam claras e o quanto de história vivida no *Dojo* eu deixava na memória e não no papel. Me arrependo de não ser mais sensível ao escrever o que aconteceu naquele momento pois acredito que tinha muito material para esta pesquisa. Mesmo que ainda esteja no corpo, às vezes as palavras nos dão material para continuar a investigação.

SE FEZ MANADA



Pré-banca de TCC, 27/06/19, prédio 40C. Foto: acervo do processo.



Foto de divulgação. Prédio 40C, outubro/2019. Foto: Joan Felipe Michel

Cinco figuras. Vindas de tempos e espaços distintos, vivem encontros e desencontros. Da capoeira, das danças gaúchas, urbanas, contemporâneas, afro, do samba de fundo de quintal e do meio da avenida... das vozes indígenas, negras, femininas, transgêneros... No fluxo do movimento, do contar de suas histórias, tecem o eu com o outro. **Se fazem manada.** Erguem suas vozes. Irrompem como força de existir junto celebrando a diferença. Do **barro** aos galhos, dos **galhos** às folhas, das **folhas** ao mover-se, do **mover-se** ao cair dos confetes, do **cair dos confetes** aos encontros, a manada faz da dança sua pulsão de vida. (Sinopse do espetáculo MANADA, 2019. Ênfases minhas.)

Começar esta seção da escrita pela sinopse do espetáculo diz muito sobre o encontro que produziram esses cinco corpos.

Pesquisas individuais. É estranho falar que são pesquisas individuais porque desde o segundo semestre de 2018 já estávamos trabalhando juntos nas disciplinas do 6º semestre e, da disciplina Procedimentos de criação II, surge a coreografia Bananas de Pijamas. Nosso ano como coletivo inicia assim, apresentando a coreografia para nossa orientadora, Helô.

Da terra sobre a qual por muito tempo sambei com um chinelinho havaianas encontro e faço relação com a Maria, que entra na terra e vai em um encontro com a sua identidade, se constrói, ou melhor, desconstrói e vai se tornando uma mulher cada vez mais forte, a lembrança que me vem é a Vó Geneci; do Juliano, o homem negro que ao mover-se encanta a todos e encontra força para driblar, ou melhor, gingar os problemas da vida; do Lucca, a criança interior viva que pede ajuda para amadurecer e que se transforma e muda a forma constantemente durante esse processo de imersão; da Naylana, a força da mulher negra que é objetificada mas encontra voz para lutar e vencer. O furacão. Os cinco juntos, resistência, amizade, uma família.

PALAVRAS, FOTOS, CORPOS

Durante nosso processo de criação do espetáculo de conclusão de curso decidimos nomear nossos fazeres como dispositivos para criação. O uso destes dispositivos nos ajudou a pensar e questionar o nosso fazer em cena, e em processo. Ao passo que íamos desenvolvendo o processo de criação, fomos aprendendo como uma obra coreográfica começa a tomar forma, materializar-se, o foco deixa de ser o espetáculo e se torna o processo, é uma imersão para aprendizagem na criação e desenvolvimento do projeto.

Durante muito tempo, meu conceito de obra bonita era muito limitado a poucas informações no palco e muito virtuosismo. Grandes performances, movimentações grandiosas, e eu sonhava em apresentar algo assim criado por mim. Queria dizer muito, mas não sabia como organizar e acabava não dizendo o que realmente queria dizer com minhas performances. Durante este processo, que durou um ano, fui aprendendo aos poucos a dar o valor devido ao vivenciar meus desejos, a pesquisar a partir do que eu quero para a cena e ver o que realmente fica. O sentimento que ficou após a pré-banca era de que existia um trabalho lindo para ser compartilhado, e a beleza dele não estava em grandes pernas altas ou saltos impossíveis, mas na presença, é algo vivo, que tem carne, cheiro, dor

e alegria, e é constantemente mutável: é a história de cinco corpos que decidem deixar o silêncio para trás e compartilhar suas histórias, primeiro entre o grupo, depois entre os mais íntimos e agora para a cidade inteira, através da apresentação do espetáculo.

No início do segundo semestre a turma participou de uma oficina com Michel Capelleti, intitulada Ver, mover, compor. O Michel que é bailarino e professor de técnica Alexander, contribuiu durante o processo. Na oficina, novas formas de fazer foram sendo percebidas, principalmente através do exercício das curvas primária e secundária e que, ao longo do semestre, foi reverberando em nosso processo de criação em grupo. Um dos dispositivos de criação que experimentamos na oficina com o Michel se tornou ferramenta para nosso processo. O procedimento consistia em um grupo dançar, improvisando durante um tempo pré-determinado – algo entre cinco e dez minutos – e, em um papel, os outros participantes da oficina, iam escrevendo o que viam. Desse dispositivo surgiram muitas novas formas de pensar o que fazíamos em cena, auxiliando na criação da obra.

Nesse período, vivenciamos experimentar o processo em diversos lugares o primeiro formato que compartilhamos foi a partir das nossas imagens fotográficas que também utilizamos como dispositivos de criação no V Seminário/Laboratório de Criação: reinventar a resistência, onde usamos a escrita do que o público via, e que dali surgiram muitas palavras que de maneira afetuosa foram sendo inseridas ao nosso fazer dança.

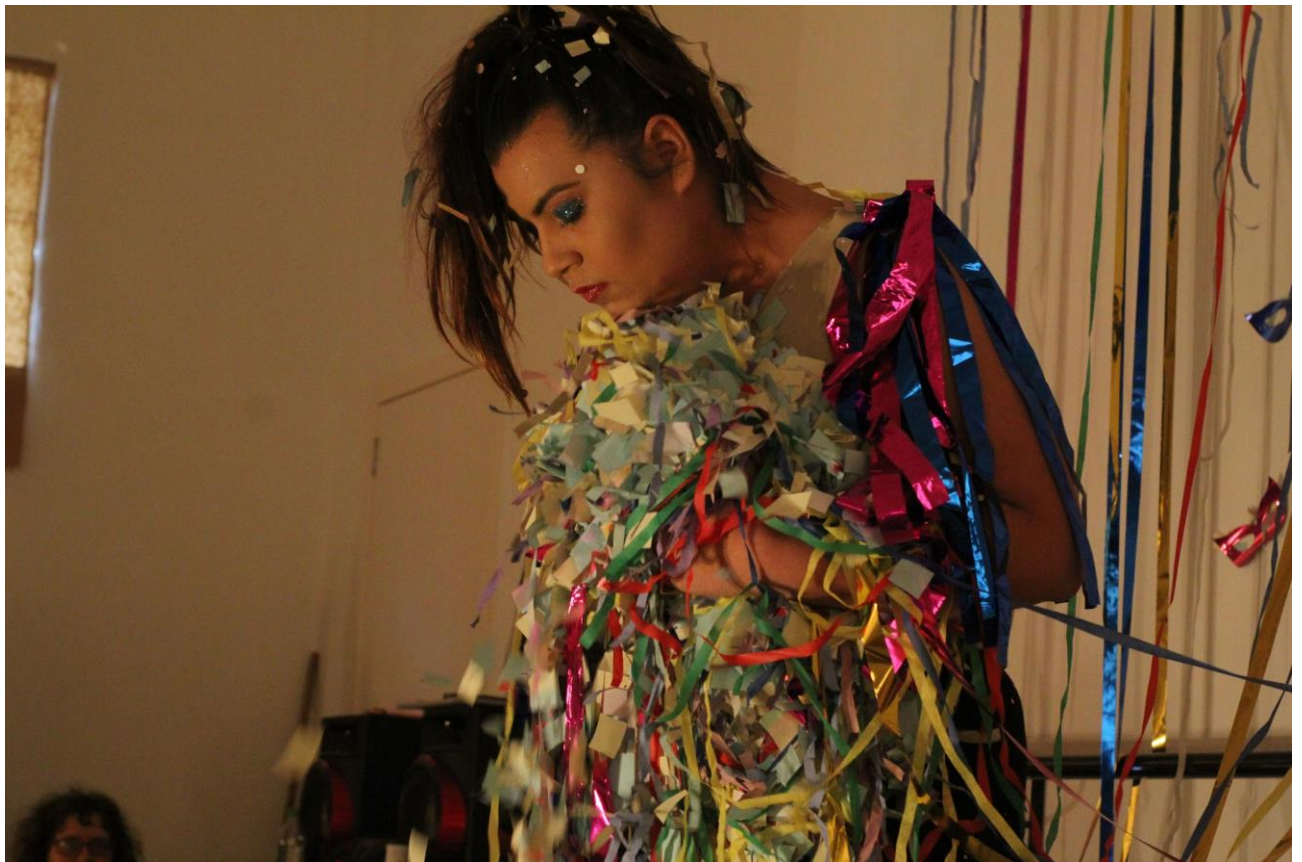


Foto de divulgação, prédio 40C, outubro/2019. Foto: Joan Felipe Michel.

A fotografia como dispositivo de criação ajudou muito a acompanhar o processo desde seu início até os dias de hoje, a partir das fotografias fomos reconhecendo lugares que queríamos chegar e revisitar, ressignificar ou ir experimentar só por ser uma imagem bonita.

Um exemplo do uso da fotografia como dispositivo de criação foi o experimentado no início do semestre: a criação a partir das narrativas visuais do semestre anterior. Cada um dos cinco, escolheu suas fotografias e montou uma ordem para compor a narrativa. A partir daí fomos incorporando essas narrativas em nosso processo de criação e experimentando reproduzir essas formas que estavam nas fotos no corpo e ir jogando com o material que construímos ao longo do ano. Fomos então colocando as imagens para dançar alterando a ordem, velocidade e amplitude. O material foi se expandindo, das fotografias foram surgindo novas maneiras de habitar o espaço, desenhar a dança, e ao longo do processo foram surgindo novas imagens a serem incorporadas nessas narrativas.





Imagens da pré-banca de TCC, 27/06/19, prédio 40C. Fotos: Joan Felipe Michel.

À medida que o processo ia se desenvolvendo, fomos compartilhando nossos experimentos em lugares onde nos sentíamos confortáveis e acolhidos. Após o Seminário, nossa próxima apresentação foi no Descubra UFSM. O espaço estava movimentado e pela primeira vez íamos compartilhar o processo com um público que não era da área da dança.

Foi a primeira vez que apresentamos a cena que decidimos chamar de MANADA, que mais adiante daria nome ao espetáculo e foi muito bonito porque conseguimos conectar com o espaço, com os corpos que estavam compondo aquele espaço e seus objetos. Era um público novo, alunos do ensino médio que estavam olhando e pensando a partir do que viam. Durante a apresentação nossos corpos contavam um pouco sobre a história que foi vivida, e de como ressignificamos e transformamos as situações da vida em força potente para a criação em dança. Voltamos para o laboratório de criação, com a certeza de que um espetáculo já existia e essa cena fazia parte.



Imagens da apresentação no Descubra, setembro/2019, centro de exposições UFSM. Fotos: Carlise Scalamoto

Nossa próxima apresentação foi em um evento da Terapia Ocupacional, era um sarau, um ambiente muito aconchegante. Durante o primeiro semestre de 2019, juntamente com a turma de TCC 01/2019 da Terapia Ocupacional nos encontrávamos semanalmente para conversar sobre nossas escritas de TCC e leituras, o que nos fez criar grande vínculo com as pessoas do curso. No segundo semestre, fomos convidados a participar da disciplina Estudos do Fazer Humano 4, sendo assim foi

se criando uma relação de respeito e colaboração com nosso trabalho. Apresentamos mais uma vez a cena que chamamos de MANADA, só que foi diferente da primeira vez porque já existia uma estrutura, a qual começamos a ensaiar e estruturar o que seria levado para a cena com uma profunda investigação sobre o que as formas nos contam.

JAI performativa

Falar fazendo foi a nossa escolha para a apresentação na JAI performativa. Algumas figuras sinistras estavam pelo espaço, um homem que no dia anterior me marcou com a sua fala de maneira que me fez entrar em modo de me proteger e proteger os que fazem MANADA junto a mim.

Durante a performance, comecei falando sobre o que a caixa representava no meu processo, ela é meu corpo e ali naquele lugar meu corpo estava exposto a homens que querem ditar o que é certo e o que é errado. Um sentimento de raiva começa a tomar conta do meu corpo, as asas são cortadas assim como na vida, um choro que tranca nas bochechas e ali permanece, uma voz que tranca mas faz muito esforço para sair porque precisa se defender. Me coloco como bicho e assumo minhas garras, faço MANADA junto aos meus e grito pela dança, pela arte e pelas vozes silenciadas.

ISSO É DANÇA, ACREDITA!!

A JAI performativa, esse ano em sua 3ª edição, é um espaço que está em construção para compartilhar nossos processos de criação em arte durante a Jornada Acadêmica Integrada. Apresentar nosso processo de criação na JAI performativa era algo que no início para mim parecia muito tranquilo, pois estava tudo esquematizado. Dessa vez foi diferente. Não apresentamos a cena MANADA, mas um falar/fazendo que foi um pouco contar do processo e de como nossas histórias foram virando dança. Foi algo que me tocou fortemente, ali mais uma vez vi a Bruna Rainha do Carnaval cortando caminho, lutando pelo seu lugar do mundo e lutando por seus amigos também. Existia uma figura no espaço que sentou em minha frente e que me causou essa revolta. Essa figura representa muito da forma como a sociedade nos encara. Eu não conseguia respirar direito, sentia um ódio, raiva. Mas precisava dançar e minha dança foi assim: o cair dos papéis, as asas cortadas e o corpo cortado. Após encerrar nossa performance comecei a notar que estava toda cortada, alguns cortes na perna e um maior na mão que me fizeram refletir sobre como me coloco no mundo e do quão importante é a luta pela sobrevivência. A luta pela vida contra uma sociedade que é machista, racista, homofóbica e transfóbica. Esse confronto que existiu em cena é um pouco sobre o confronto que existe na vida.

Nosso trabalho continua em processo...



Imagens da apresentação na JAI performativa, outubro/2019, centro de convenções UFSM. Fotos: Joan Felipe Michel.

Ocupar o espaço

Ocupar um espaço público que por nove anos esteve fechado é um ato político. Contar a história para o lugar, habitá-lo e fazer casa, nosso lugar. MANADA que surge do encontro de cinco figuras, dos encontros e desencontros do habitar o eu para então habitar o outro. No palco cinco figuras que representam o Brasil, representam a história que não é contada e que é esquecida e invisibilizada. MANADA surge no processo vivo que não se finda nunca, o processo é carne, é vivo, é vida, cinco vidas que após esse trabalho mostram ao que vieram ao mundo. O nome da obra vem de uma cena a qual apresentamos em alguns lugares, o caminhar em elefante, o estar junto e ser MANADA porque não se faz nada sozinho. Sentir, viver e compartilhar a vida, a arte, esse processo que no início era tão individual nos dá suporte para crescer e aprender sobre si e sobre o outro, e daí surge um coletivo.

MANADA dá voz não apenas a essas cinco figuras, mas a todo um povo que cansou de ser silenciado.

VIDA LONGA A ESSA MANADA!!

MANIFESTO DE UMA MULHER TRANS

ESSE MANIFESTO QUER DIZER MUITO

QUER GRITAR

QUER SER OUVIDO

É SOBRE UMA VOZ QUE CANSOU DE EXPERIMENTAR O SILÊNCIO

E QUE QUER SE FAZER OUVIDA

É SOBRE UMA MENINA QUE FOI IMPEDIDA DE EXISTIR, MAS EXISTIA EM SEUS SONHOS NAQUELE LINDO QUARTO DE TETO VERDE.

NÃO É SOBRE O SAMBA, MAS SOBRE A TRISTEZA QUE ELE ESCONDIA MUITAS VEZES QUERIA CHORAR

MAS FOI SORRINDO QUE APRENDI A SOBRE(VIVER)

ESSE MANIFESTO NÃO É SÓ SOBRE OS PAPÉIS, FANTASIAS OU CAIXAS.

É SOBRE ASAS CORTADAS

SONHOS DESFEITOS, REFEITOS E REINVENTADOS.

É SOBRE DESCOBRIR O SEU LUGAR DENTRO DE SI

PARA ENTÃO DESCOBRIR O MUNDO

E SE PERDER DE NOVO DENTRO DO CORPO

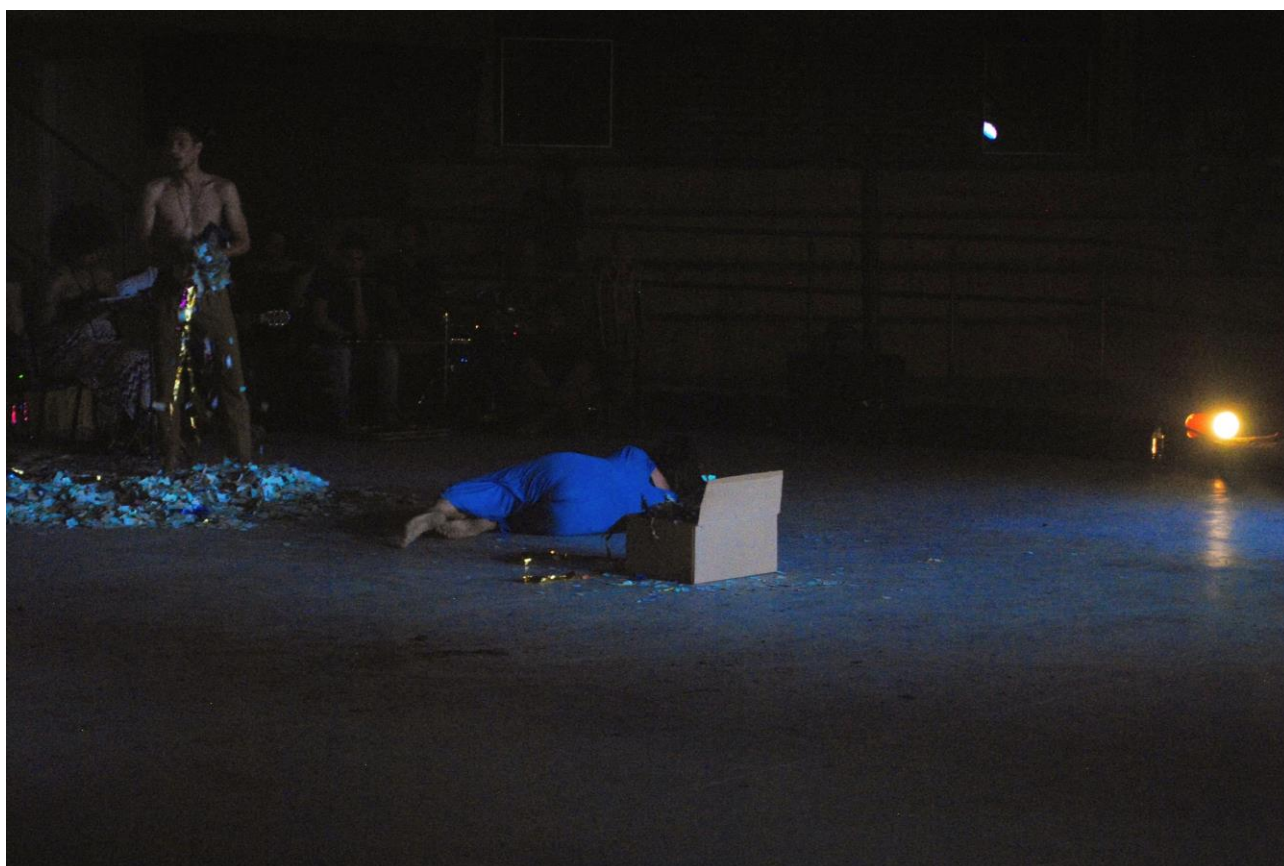
É UM MANIFESTO SOBRE VERDADES E SOBRE MENTIRAS
QUAL A VERDADE QUE VOCÊ ESCOLHEU PARA A SUA VIDA ?

É UM MANIFESTO

CONTRA A IGREJA ADVENTISTA

CONTRA O CONSERVADORISMO

CONTRA OS HOMENS
CONTRA O MACHISMO
E CONTRA QUALQUER PESSOA QUE ACHE QUE SER MULHER É SER
INFERIOR
ESSE MANIFESTO É CONTRA O PRECONCEITO
É CONTRA OS PADRÕES
É CONTRA O SISTEMA
ESSE MANIFESTO QUER DIZER MUITO E QUER MUITO SER OUVIDO
JÁ PENSOU EM QUANTAS VEZES VOCÊ ME MATOU APENAS COM O SEU
OLHAR?
O OLHAR MATA, MAS NÃO É SÓ O OLHAR
AS PALAVRAS MATAM
ESSE MANIFESTO É POR DANDARA
ESTÃO NOS MATANDO DIA APÓS DIA
O BRASIL É O PAÍS QUE MAIS MATA MULHERES TRANS NO MUNDO
ESSE MANIFESTO É CONTRA MIM
CONTRA VOCÊ
É CONTRA ESSAS FORMAS PRONTAS DE HOMENS E DE MULHERES
É SOBRE SE REFAZER, DESFAZER, SE PERMITIR
SER.



MANADA, Centro de Atividades Múltiplas Garibaldi Poggeti (Bombril), 23/11/19. Foto: Pâmela da Costa.

Referências

CAMPOS, F.; RODRIGUES, G. **O método BPI e sua estética: noções advindas da análise de experiências processuais em artes da cena**. 2016. Tese (Doutorado em Artes da Cena) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=cat04198a&AN=unicamp.000974808&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>>. Acesso em: 07 mai. 2019;

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicol Soc* (Porto Alegre). 2007.

KELEMAN, Stanley. **Corporificando a experiência: construindo uma vida pessoal** / Stanley Keleman [Tradução: Regina Favre e Rogério Sawaya]. São Paulo: Summus, 1995.

KELEMAN, Stanley. **Anatomia Emocional**.

MELCHERT, Ana Carolina Lopes. **O DESATE CRIATIVO; ESTRUTURAÇÃO DA PERSONAGEM A PARTIR DO MÉTODO BPI (BAILARINO-PESQUISADOR-INTÉRPRETE)**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas 2007

LIBERMAN, Flávia; LIMA, Elizabeth M.F.A. **Um Corpo de Cartógrafo**. Universidade Federal de São Paulo – Curso de Terapia Ocupacional. São Paulo – SP. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v19n52/1807-5762-icse-19-52-0183.pdf>>. Acesso em: 05 Jun. 2019.

NAGAI, Angela Mayumi. **O dojo do BPI: lugar onde se desbrava um caminho**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas, 2008.

PERES, William Siqueira Peres. **Travestis Brasileiras; Construindo identidades cidadãs**. In: Miriam Pillar Grossi (et al.) (Orgs). *Movimentos Sociais, educação e sexualidade*, Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino-Pesquisador-Intérprete**. Lauro de Freitas: Solisluna, 2018.

RODRIGUES, G. E. F. “As Ferramentas do BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete).” **Anais do I Simpósio Internacional e I Congresso Brasileiro de Imagem Corporal**. UNICAMP. Campinas, SP. 2010. Disponível em:

<<http://www.fef.unicamp.br/hotsites/imagemcorporal2010/cd/anais/trabalhos/portugues/Area3/IC3-28.pdf>>. Acesso em: 11 Mai. 2019.

Youtubers:

Mandy Candy - <https://www.youtube.com/user/mandyparamaiores>

Thiessita - <https://www.youtube.com/channel/UCweMwYMCTNxwJd4MF5pOBmw>

Bryanna Nasck - <https://www.youtube.com/channel/UCqu3u6ODlieZq0rCOzwN7XQ>

LINKS:

<https://antrabrazil.org/mapadosassassinatos/>

https://www.huffpostbrasil.com/entry/morte-transexuais-2018_br_5c4f27dee4b0e1872d4641f1